

ANÁLISES DOS DISCURSOS AMBIENTAIS NO *FACEBOOK* RIO + 20 DA ONU1

GT15- Meio Ambiente, sociedade e desenvolvimento sustentável

Margarita Rosa Gaviria Mejía²

Jane M. Mazzarino³

RESUMO:

Durante a *Conferência* das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, conhecida como Rio+20, que acontece no Rio de Janeiro de 13 a 22 de junho de 2012, a ONU cria o Facebook Rio+20. Espaço construído nesta Conferência para estimular a difusão de informações e o debate entre as pessoas e organizações ambientalistas de diversas partes do mundo. É a análise dos discursos ali manifestados que nos propomos tratar neste artigo. Indagamos como os receptores dos diferentes acontecimentos durante a Rio+20 se mobilizaram no espaço virtual para expressar posicionamentos ideológicos e sociais ao redor de problemas ambientais e aspectos correlacionados. A pesquisa foi realizada por meio de análise de discurso sobre os documentos midiáticos publicados no facebook.

Palavras-chave: Meio ambiente. Facebook. Desenvolvimento Sustentável. Análises do discurso.

INTRODUÇÃO

A Conferência de Estocolmo na Suécia, em 1972, está entre os eventos mais relevantes na história da discussão ambiental. Nela se debatem problemas ambientais em âmbito internacional com ênfase principalmente na discussão de riscos e perspectivas ambientais, considerando o acelerado crescimento populacional, a expansão de áreas urbanas e a tecnologia industrial em curso (Capes, 2012). A partir dessa Conferência, o ambiente passa a ser encarado como um fenômeno que afeta o desenvolvimento econômico e social do planeta. Gestando-se a passagem da concepção socioeconômica bidimensional para a *noção tridimensional de eco-sócio-econômica* (Sachs, 2012, p. 8).

Os avanços da Conferência de Estocolmo foram reforçados na Eco-92, celebrada no Rio de Janeiro em 1992, a qual representa um marco na história socioambiental mundial por introduzir o “desenvolvimento sustentável” no centro do debate internacional. Este tema, cunhado na Rio92, populariza-se, tornando-se objeto de estudos acadêmicos e alvo de experiências na elaboração e implantação de políticas de gestão. Nas diversas abordagens do desenvolvimento sustentável perpassa um foco interdisciplinar e intersetorial, que ressalta a necessidade de elevar a capacidade política, social e ecológica para enfrentar crises e mudanças, e de responder às questões sociais e naturais em permanente mudança (CAPES, 2012). Discussões que acontecem num contexto internacional otimista pelo fim da guerra fria, quando se vislumbrava a possibilidade de um melhor relacionamento entre os países.

1 Esta pesquisa conta com auxílio financeiro da Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio Grande do Sul (Fapergs).

2 Antropóloga. Doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA, RJ), professora do Programa de Pós-graduação em Ambiente e Desenvolvimento, PPGAD e da área de Humanidades do Centro Universitário Univates. E-mail: margaritarosagaviria@gmail.com

3 Doutora em Ciências da Comunicação (Unisinos), professora do Programa de Pós-graduação em Ambiente e Desenvolvimento, PPGAD e dos Cursos de Comunicação Social do Centro Universitário Univates. E-mail: janemazzarino@gmail.com

Vinte anos depois, sob os efeitos da crise financeira que estourou em 2008, se instala no Rio de Janeiro de 13 a 22 de junho de 2012, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, conhecida como Rio+20, com o objetivo de retomar o pacto internacional em prol do desenvolvimento sustentável, através do acompanhamento dos avanços e da implantação das decisões adotadas nas Cúpulas sobre o tema. Além disso, promove a inclusão de novas questões temáticas: “economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável, erradicação da pobreza e estrutura institucional para o desenvolvimento sustentável” (Capes, 2012, p. 10).

Entre os mencionados temas, a economia verde tem projeção acentuada na Rio+20 (Ribeiro, Freitas e Philippi Jr, 2012). Este conceito, fundamentado na noção de desenvolvimento sustentável, objetiva repensar o desenvolvimento eliminando as desigualdades entre gerações e considera, principalmente, os determinantes do crescimento econômico em relação ao meio ambiente (Berman e Diniz, 2012). Pressupõe a promoção da equidade social, justiça, solidariedade e bem-estar humano; reduz riscos ambientais e a escassez ecológica, preservando o capital natural ou compensando-o com auxílio tecnológico. Bem como, problematiza a relação entre modos de produção vigentes e a vida no planeta. Em síntese, o conceito de economia verde se encaminha para a construção de uma sociedade ambientalmente sustentável (Zuin, 2011; Capes, 2012; United..., 2011, texto digital).

A mudança de paradigma em torno da problemática ambiental, gestada na Rio92 e atualizada na Rio+20, reflete-se em um interesse global por temas ligados à relação das pessoas com o ambiente, no âmbito científico, político e da sociedade civil. Consequentemente, assuntos relativos ao meio ambiente transformam-se em notícia diária dos diversos meios de comunicação (Dias de Freitas e Ambrizzi, 2012). Nesse processo, a sociedade civil, através de movimentos sociais e de atores sociais não organizados, constrói espaços de interlocução. São manifestações de rua, produções artísticas, composições musicais e, recentemente, pronunciamentos em espaços de comunicação na internet, canais utilizados para expressar posicionamentos diversos. Evidenciando-se, assim, a inquietação pública que paira na contemporaneidade com os problemas ambientais.

No marco da vertiginosa preocupação da população mundial com o meio ambiente, embasada no crescimento demográfico e no uso desordenado dos recursos naturais, a Organização das Nações Unidas (ONU) cria, durante a Conferência no Rio de Janeiro, em junho de 2012, um espaço de comunicação digital, o Facebook Rio+20, para estimular a difusão de informações e o debate entre as pessoas e organizações ambientalistas de diversas partes do mundo. Site no qual focamos a atenção com o objetivo de desvendar posicionamentos sociais em relação à problemática ambiental. Buscamos ver como os receptores dos diferentes acontecimentos da Rio+20 se mobilizaram no espaço virtual para expressar posicionamentos ideológicos e sociais ao redor de problemas ambientais e aspectos correlacionados. Para isso, seguimos a postura metodológica da antropologia digital que integra a tecnologia digital à pesquisa, e abordamos o Facebook Rio+20 como uma ferramenta de comunicação mediada pelo computador. Longe da pretensão de analisar as redes sociais construídas através deste instrumento, situamos-nos diante de um espaço público mediado pela tecnologia, conforme o conceito de Boyd (2007)⁴. O site permite estabelecer conexões para disseminação de ideias e informações entre atores sociais.

Nos dias do evento, registramos no Facebook Rio + 20, 114 mensagens de internautas, bem como imagens, vídeos, músicas e exposições artísticas. Material que analisamos com base em teorias sociais e multidisciplinares do discurso. Examinamos os discursos ambientalistas procurando não destacar a manifestação de um sujeito em si, idealizado, essencial, mas de um falante e de um falado, em vista de que através dele outros ditos se dizem. Inspiramo-nos na ideia de que a linguagem corrente

⁴ O conceito refere-se “a ambientes onde as pessoas podem reunir-se publicamente através da mediação da tecnologia” (Recuero, 2009; p.42)

contém em seu vocabulário e sintaxe uma filosofia petrificada do social, sempre pronta a ressurgir em palavras comuns e expressões (Bourdieu, 2002; Foucault, 1970).

Propomos-nos a interpretar o conteúdo semiótico dos discursos com base nas teorias de cultura de Geertz (1989) e acessar o mundo conceitual no qual vivem os sujeitos. Buscamos desvendar as estruturas conceituais que informam o dito no discurso social.

Nesse sentido, o discurso representa uma forma de produção de conhecimento através da linguagem. Produz-se na prática de produzir significados, sem distinção entre pensamento e ação, linguagem e prática. É uma linguagem que se constrói na prática e um significante que produz significados (Barthes, 1973). O discurso penetra e influencia as práticas sociais (Hall, 1993).

Na análise do discurso levamos em conta o contexto histórico e social no qual se situa o texto, o espaço e o tempo, a situação em que é produzido. Adotamos o contexto como condição de entendimento do discurso, seguindo a vertente metodológica “clássica” da sociologia e da antropologia. E incorporamos também a orientação teórica sociocognitiva dentro de um enfoque multidisciplinar contemporâneo, cuja tese central postula “não é a situação social *objetiva* a que influencia o discurso, nem o discurso tem influência direta sobre a situação social: é a definição subjetiva realizada pelos participantes da situação comunicativa a que controla esta influencia mutua” (Van Dijk, 2012, p. 13). Quer dizer, como o citado autor aponta, os contextos são construtos (inter)subjetivos desenhados e atualizados continuamente na interação dos participantes como membros de um grupo. Acerca dessa situação comunicativa alusiva ao contexto tratamos ao aprofundar no significado dos discursos.

Da ótica multidisciplinar balizada por Van Dijk (2012), o contexto oferece ferramentas analíticas que vão além das variáveis sociais. Na condição de interpretações subjetivas de situações comunicativas, os contextos são modelos que controlam a maneira como os participantes produzem e entendem o discurso; permitem que os participantes adaptem o discurso conforme a relevância da situação comunicativa em cada momento da comunicação; possibilitam a interface entre formas de pensar os acontecimentos dos que falam e a maneira como se formula o discurso; constituem uma interface entre o discurso e a sociedade, entre o pessoal e o social e entre a ação e a estrutura.

Em cada momento, os contextos definem a maneira como vemos a situação atual e a forma como nos desenvolvemos. Deste modo, temos de compreender não só os discursos de internautas dirigidos a participantes do *facebook* no Brasil e no mundo, no contexto dos debates durante a Rio+20, senão a lógica subjacente às colocações alusivas à preocupação mundial com o desgaste dos recursos naturais e o interesse global pelo controle dos riscos ambientais.

Sobre as concepções que perpassam nos discursos do meio ambiente e das relações práticas com ele, discorreremos neste artigo, em primeiro lugar, assinalando as peculiaridades dos sujeitos da fala identificados como membros de uma sociedade global, planetária. Assinalamos como os internautas, na qualidade de representantes da sociedade planetária, fazem uma série de denúncias de práticas e posturas que ameaçam a reprodução da espécie humana na Terra e elaboram recomendações dirigidas a diversos atores sociais para coibir ações degradantes e desenvolver práticas sustentáveis. Mostramos que os internautas na alusão direta à Conferência Rio+20, a percebem como um espaço que dá voz às posições dos representantes do poder no mundo, e apontam expectativas e frustrações em relação aos resultados da mesma. Por último, argumentamos que através dos discursos se observa a construção e atuação de um campo socioambiental, no qual participam acadêmicos, políticos e sociedade civil. Mesmo que com referências diferentes, todos demonstram ter conhecimento sobre o assunto central: economia verde e sustentabilidade.

UNIVERSO SOCIAL DOS PARTICIPANTES

Foram mínimos os dados que obtivemos acerca do perfil dos sujeitos das falas para abordar os elementos da análise do discurso dos que trata Foucault (1970): o status do enunciador, sua

competência, o campo de saber em que se insere, o lugar institucional, entre outros. As informações disponíveis são insuficientes para aprofundar sobre o contexto social e cultural no qual se dá a atividade comunicativa que modela os discursos dos participantes. Os internautas não falam enquanto membros de uma sociedade em particular, mas da sociedade global no âmbito da qual se expressa a paradoxal pluralidade de seres únicos (Arendt, 1998). Ao manifestarem-se individualmente revela-se nos discursos tanto o caráter único e distintivo dos seres humanos quanto a sua condição de sujeitos cuja individualidade assenta-se na experiência coletiva.

Nesse sentido, os discursos não são só respostas a uma situação instituída, senão formas de realização dos sujeitos históricos. Os internautas manifestam-se e reconhecem-se como sujeitos de um ambiente histórico e social determinado pelo processo globalizador. E situados nele, revelam uma forma de conhecimento do mundo, maneiras de participação política ambiental e posições acerca das funções da sociedade civil nas ações de depredação e/ou preservação do ambiente.

Os dados em que nos fundamentamos para esta análise, obtidos a partir dos textos postados no facebook na Rio + 20, contém escassa informação acerca dos sujeitos das falas. Nem todos os internautas se identificaram e os que o fizeram revelam poucas informações pessoais. Apenas observamos entre os internautas participantes desse espaço virtual diferenças de gênero que revelam uma maioria de homens participantes. Foram 64 homens e 41 mulheres, entre os que identificamos o gênero. Quanto ao grau de escolaridade, de 63 internautas que postam informações a esse respeito, a maioria tem ensino superior completo ou está cursando⁵. Não obtivemos dados suficientes para identificar a faixa etária, pois apenas quatro informam a idade em seu perfil no Facebook.

Percebemos que este espaço público digital foi ocupado principalmente por brasileiros. Dos 98 internautas que colocam o lugar de origem, 80 eram brasileiros, predominando a participação dos cariocas. Em termos percentuais, 28,75% dos internautas eram do Rio de Janeiro, dado indicativo de que foi um evento sentido com maior intensidade pela população desta cidade. Os cariocas conviveram com a mobilização da rede hoteleira, o comércio e demais estabelecimentos ligados ao setor turístico para atender a demanda dos visitantes à cidade. Além de que a mídia local deu ampla cobertura ao evento. Pode-se perceber que estes internautas enfrentaram mudanças no trânsito e na rotina de trabalho, por causa dos dias facultativos estabelecidos em algumas instituições.

CONCEPÇÕES DO MEIO AMBIENTE

A maior parte das pessoas e das organizações ambientalistas fizeram da Rio+20 um espaço de denúncia. Entre elas a de um internauta que posta uma imagem de “Trânsito Parado” durante o evento e em texto complementar à imagem, se manifesta contra a despreocupação com o aumento de emissões de carbono geradas pelos engarrafamentos, causados pelas interdições das vias, e com questões sociais e econômicas decorrentes das horas perdidas nos engarrafamentos. Outras pessoas se pronunciaram contra a agressão a elementos da natureza em diversos contextos geográficos, destacando casos concretos de violação ao meio ambiente: derrubada de árvores centenárias, poluição de lagoas, efeito estufa, extinção de espécies animais, desertificação do solo, aquecimento global, utilização da energia nuclear, entre outros. De um modo geral, as denúncias remetem a problemas ambientais tanto locais quanto globais, perpassando uma ambiguidade na definição do limite espacial dos problemas ambientais. Exemplo desta ambiguidade pode-se observar nas postagens de notícias no G1 e IG sobre o movimento indígena durante a Conferência.

⁵ De 63 participantes, 18 tem ensino médio completo, 5 estão cursando ensino superior, 36 tem ensino superior completo, 4 tem pós-graduação completa.

As notícias informam que indígenas de comunidades de florestas de Belém do Pará, no Brasil, foram grandes protagonistas da discussão sobre sustentabilidade. Nos primeiros dias da Conferência, os índios acenderam o fogo sagrado, entoaram cânticos, organizaram os chamados “jogos verdes” e ocuparam parte da obra de Belo Monte. Buscavam denunciar os danos ambientais causados pela hidroelétrica. Iniciativa que teve o apoio da ONG Amazon Watch. Essa ONG faz parte de um grupo de movimentos ecológicos internacionais que denuncia os danos da construção hidroelétrica à população e à natureza da região, e estimula a oposição a grandes represas hidroelétricas.

Paralelamente, no Estado do Rio de Janeiro, estiveram reunidas, como um “povo só”, cerca de 350 índios brasileiros, canadenses, mexicanos e guatemaltecos, concentrados na Colônia Juliano Moreira, no Bairro de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Esses indígenas mobilizaram-se na elaboração de uma carta com recomendações ambientais para ser entregue a chefes de Estado presentes no evento. Entre os pontos estão: créditos de carbono, mudanças climáticas, marcações de territórios e reservas minerais localizadas em áreas destinadas aos chamados “povos originais”, fatos noticiados durante o evento.⁶

As reivindicações indígenas, referidas acima, correspondem às lutas de sociedades tradicionais em defesa de recursos naturais que lhes são econômica e simbolicamente essenciais, contanto que o uso dos recursos naturais não coloque em risco a qualidade do ambiente. Nesse sentido, os indígenas, sob o manto da Conferência Rio+20, reivindicam suas práticas de manejo ambiental, filtrando a imagem pública de que “os povos indígenas estão em uma espécie de sintonia natural com a natureza, regulada por parâmetros naturais”. (Eckert, 2006, p. 225).

A visibilidade do evento é aproveitada também para denunciar no facebook da ONU questões que estão além do meio ambiente, como a ineficácia das políticas públicas em diversas áreas. Referem-se à ineficiência na prestação de serviços públicos, em saúde, educação, energia, alimentação, cidadania, segurança, emprego, entre outros, no âmbito do Brasil. Em relação à situação fora do Brasil, houve um chamado público ao fim do confronto entre os exilados Tibetanos e o governo Chinês.

Nos pronunciamentos, os internautas clamam pela preservação do meio ambiente, fundamentados numa visão futurista e interdisciplinar. Inserem a desordem ambiental numa realidade planetária e dessa perspectiva apontam para a necessidade de preservar e cuidar do planeta terra, justificando a importância dessas medidas na sobrevivência de novas gerações. Posicionamento no qual subjaz o alinhamento nos discursos com o conceito de desenvolvimento sustentável expresso no Relatório Brundtland (Nosso Futuro Comum, 1987, texto digital) de “satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras satisfazerem suas próprias necessidades”.

Observamos nos discursos uma sintonia em torno da ideia de que a humanidade está numa encruzilhada, no sentido de que se as agressões ao meio ambiente não forem contidas agora, as próximas gerações enfrentarão consequências catastróficas.

Vamos nos juntar com quem se preocupa, sei que este número é ainda pequeno, mas no futuro irá fazer toda a diferença, e aliás, se quero que meu futuro realmente exista, e que meus filhos e netos vivam bem aqui, tenho que mudar hoje, agora! ⁷

⁶ Fatos noticiados pelos sites: <http://g1.globo.com/natureza/rio20/noticia/2012/06/indios-acendem-fogo-sagrado-para-abrir-conferencia-sustentavel-no-rio.html> e <http://ultimosegundo.ig.com.br/ciencia/meioambiente/2012-06-14/aldeia-kari-oca-reune-indios-de-diversas-etnias-na-rio+20.html>, respectivamente.

⁷ Usuário do Facebook: Ismalley Petherson, reside em Montes Claros – MG, Brasil, possui Ensino Médio Completo (<http://www.facebook.com/ismalleypetherson>).

Também observamos que as pessoas vinculam os problemas ambientais da atualidade a questões econômicas e políticas. Visão alinhada à compreensão antropológica de que há interdependência e interação entre fatores socioeconômicos e ecológicos. Assim, na alusão aos problemas financeiros, eles têm conhecimento dos efeitos da crise financeira mundial sobre o meio ambiente. Desta perspectiva, a crise é um empecilho para o desenvolvimento sustentável devido aos interesses ocultos que carrega, “Os gritos na bolsa falaram de outros valores”⁸, afirmaram, fazendo referência explícita à corrupção como causa da crise econômica e ambiental.

Manifestam-se contra a hegemonia da economia monetária. E colocam numa balança o dinheiro e o ambiente, afirmando que o primeiro não é mais poderoso que a natureza, fato que consideram ser ignorado pelos detentores do poder econômico, que se envolvem num jogo de forças do mercado financeiro, míope à dimensão ambiental. Os internautas, ao estabelecer comparação entre o poder do dinheiro e o da natureza, argumentam que a natureza impõe-se ao dinheiro, pois este não pode deter os efeitos da destruição da natureza. Neste sentido, um internauta se expressa: “(...) quando for cortada a última árvore, pescado o último peixe, poluído o último rio, é que as pessoas vão perceber que não podem comer dinheiro”⁹. Fazem também alusão ao Rio São Francisco no Brasil: “(...) a terra fica para aqueles que deixamos com o dinheiro para gastar. mas vai ainda chegar o dia que nem uma gota do velho Chico teremos para tomar.”¹⁰. Assim, concebem a racionalidade econômica vigente insustentável para o ambiente.

De um modo geral, os discursos expressam descontentamento com as ações dos representantes dos governos devido ao fato de que os interesses e as necessidades da coletividade ficam submersos por interesses de governantes. Assinalam que os governantes não pensam no povo, mas em interesses particulares. Além de que suas ações sustentam-se numa posição autoritária.

Vivemos em uma falsa democracia onde as ‘autoridades’ são sempre os autoritários, o poder é o abuso dele, onde a maioria se submete à vontade de poucos e muitos sustentam esses mesmos poucos que nos cospem na cara dizendo que devemos deixar para lá, que vale a pena viver calado... viver como um verme??¹¹

A associação, subjacente aos discursos, entre a problemática ambiental e as políticas econômicas e sociais, assinalada neste item, denota a convergência entre a nova consciência ética e ecológica da população planetária e a implementação de políticas ambientais com efeitos sobre a reestruturação das relações mundiais. Conjuntura que leva a questionar o processo de desenvolvimento econômico das últimas décadas, e a qualificá-lo como insustentável para o ambiente. Revela que da ótica dos participantes à Rio92, o desenvolvimento sustentável representa a possibilidade de harmonizar os objetivos sociais, ambientais e econômicos e de despertar nos indivíduos a consciência da responsabilidade social pelas práticas ambientais.

Os discursos deixam emergir visões de mundo, da natureza e da modernidade, que redirecionam as preocupações contemporâneas em face da ameaça sobre a própria continuidade da vida humana

8 Música “O Ano Passado”, de Roberto Carlos, citada no Facebook Rio+20 da ONU, por Eduardo Segundo, que reside em São Luiz - MA, Brasil e possui Ensino Superior Completo.

9 Usuária do Facebook: Vânia Gimenes, reside em Goiânia – GO, Brasil (<http://www.facebook.com/vania.gimenes2#!/vania.gimenes2>)

10 Usuário do Facebook: Alexandre José Ferreira, reside em Curitiba – PR, Brasil. (<http://www.facebook.com/alexjober>).

11 Usuário do Facebook: Anthony Christino Dutra Rodrigues, reside em Cuiabá – MT, e tem 24 anos (<http://www.facebook.com/anthony.christino>).

(Eckert, 2004). No Facebook Rio+20, os internautas participantes dramatizam a problemática ambiental.

As marcas da matriz dramática presente nas concepções de meio ambiente expostas no espaço público digital analisado são também observadas nos meios de comunicação de massa, comerciais. Nisto, o espaço midiático “alternativo”, em processo de regularização e os espaços midiáticos tradicionais têm marcas que se refletem mutuamente.

PROPOSTAS EM DEFESA DO AMBIENTE

Migrando do discurso denunciador para o construtor, identificamos nas mensagens propostas para a solução dos problemas sociais e ambientais, várias recomendações dirigidas ora a governantes do mundo todo, ora ao governo brasileiro, ora aos meios de comunicação, ora à sociedade civil.

Os internautas propõem a união dos países do mundo para debater e buscar meios de preservação ambiental como condição para sarar os danos do planeta provocados pelo desmatamento das florestas, a contaminação das águas, a poluição do ar e o uso de agrotóxicos. Afirmam também que a fiscalização deve estar mais presente em todos os setores que prejudicam o planeta.

As recomendações aos governantes são relacionadas a mudanças políticas monetárias. Sugerem a recondução dos recursos financeiros dos governos, deixando de auxiliar bancos e banqueiros para começar a proteger a natureza, atendendo em primeiro lugar às necessidades do país e “não ficar ajudando países europeus que esbanjaram a vontade”¹².

No âmbito do Brasil, propõem que o modelo de trânsito utilizado em São Paulo seja adotado por outros estados brasileiros, para diminuir os engarrafamentos e a emissão de gás carbônico. Já as sugestões dirigidas à sociedade civil referem-se à mudança em práticas cotidianas que podem beneficiar o ambiente. Uma delas é assumir a responsabilidade pela proteção ambiental, não a repassando unicamente aos governos.

Chegamos à marca de sete bilhões de seres humanos e esse número tende a crescer. Vamos economizar em tudo, em água, alimentos, reciclar, procurar outra fonte de energia que seja benéfica a natureza, procurar outra fonte de combustível que não prejudique o nosso ar.¹³

Para a sociedade civil, dirigem a responsabilidade de manifestar sua opinião aos líderes, evitando assim a impunidade. E, para os meios de comunicação, sugerem assumir o papel de educadores ambientais e defensores das sanções, contra os agressores ao meio ambiente. Nas narrativas em que responsabilizam diversos atores sociais pela ordem ambiental, perpassa o conhecimento do jogo de forças travado entre os encarregados de traçar os parâmetros legais em matéria ambiental, e a consciência de que é necessário incluir como participantes do jogo, outros atores além dos que detém o poder (local ou global) instituído. Em suma, clamam pela inclusão das preocupações ambientais de diferentes setores sociais em nível mundial.

SIGNIFICADO SOCIAL DA RIO + 20

¹² Usuária do Facebook: Carmen Ferreira, reside em Pelotas – RS, Brasil. (<http://www.facebook.com/Kaly.Fer>).

¹³ Usuário do Facebook: Ismalley Petherson, reside em Montes Claros – MG, Brasil, possui Ensino Médio Completo (<http://www.facebook.com/Kaly.Fer#!/ismalleypetherson>).

Além de denúncias e propostas em torno do meio ambiente, como bem coletivo, a análise dos discursos permitiu-nos apreender a heterogeneidade de significados sociais da Conferência Rio+20, subjacentes nas manifestações dos participantes do Facebook. Nas colocações dos internautas perpassa um sentimento de propriedade compartilhada com os gestores da Conferência e com qualquer ser humano na Terra sobre o meio ambiente. Portanto, sentem-se no dever e direito a fazer críticas construtivas e destrutivas do evento, o qual fazem apontando objetivos, vantagens, funções, expectativas e carências.

Acerca dos objetivos, os internautas consideram que a Conferência visa salvar o planeta, reunir diversos países para discutir medidas de preservação ambiental, combater as implicações ambientais das alterações climáticas e discutir sobre a ação das empresas no Brasil e mundo afora.

Quanto às vantagens, afirmam que o evento permite ao Brasil exercer o papel de liderança; conhecer acordos ambientalistas realizados em outros continentes, como o africano; abrir espaço para a participação de uma criança moçambicana, quem através de sua fala dá voz à geração que vai arcar com as consequências de ações presentes; enxergar as propostas das organizações ambientais africanas nas discussões dos problemas que afligem os países subdesenvolvidos; servir de fundamento para projetos sociais. "A Rio+20 tem sido uma fonte de inspiração para nosso projeto. Boas ideias devem ser seguidas e propagadas (...) EU SOU NÓS... TODOS SOMOS NÓS!"¹⁴.

Por outra parte, aludem às funções do evento expressando quais deveriam ser as temáticas contempladas na Conferência. Referem-se a assuntos ligados diretamente ao ambiente, a problemas sociais e à vida no planeta Terra. Entre os temas ambientais salientam a economia verde e o desenvolvimento sustentável.

[...] medidas de sustentabilidade ambiental, lixo nuclear. Deve abordar questões sobre o lixo nuclear, a segurança na produção e sinistros. [...] Investir em tecnologias que transformem o lixo nuclear em radiações de baixo perigo para a saúde Humana e Ambiental.¹⁵

Sobre os problemas sociais mencionam a erradicação da pobreza, o comprometimento com a vulnerabilidade a que estão expostos os jovens e a segurança. Afirmam que A RIO+20 deve repensar a vida da Terra, contemplando o componente social.

No que diz respeito às expectativas com a Rio+20, num sentido geral, são que estabeleça medidas que contribuam para um mundo melhor, e marque um avanço em relação à situação atual. Esperam resultados concretos, que não fiquem apenas no papel, na teoria, que os participantes da Conferência e líderes mundiais transformem as propostas em ações, que os acordos sejam cumpridos, que haja um comprometimento com o futuro, que os países desenvolvidos olhem para os subdesenvolvidos. Em termos sociais, esperam combate à pobreza e maior força para os jovens.

Porém, nem todas as expectativas apontam para a credibilidade nos resultados da Conferência. Alguns consideram que a única possibilidade de mudanças é com a participação cidadã, pois a ação política é ineficaz, "os políticos não vão mudar nada".¹⁶ Dessa perspectiva negativa, assinalam que a Rio+20 é uma estratégia dos governos para ocultar problemas sociais; é contra a sustentabilidade; é investimento de tempo e dinheiro desperdiçado; exibicionismo dos representantes de poder; não tem efetividade. Este posicionamento é reforçado nas falas que salientam as carências da Conferência.

14 Usuário do Facebook: Helano Araujo, reside em Irauçuba – CE, é Bacharel em Economia. (<http://www.facebook.com/helano.araujo.58#!/helano.araujo.58>).

15 Usuário do Facebook: Levi Cheque (<http://www.facebook.com/levicheque#!/levicheque>).

16 Usuário do Facebook: Geraldino Lopes, reside em Lauro de Freitas – BA, Brasil. (<http://www.facebook.com/geraldino.lopes#!/geraldino.lopes>)

As falhas elencadas por internautas dizem respeito a aspectos organizacionais da Rio+20 como a ausência de países ricos (Estados Unidos, China, França, Alemanha e Inglaterra); a dificuldade entre os países participantes de chegar a um acordo na elaboração das medidas; o excesso de formalismo; a falta de educação e de liberdade de expressão. Igualmente, reprovam a postura de atores sociais participantes na Conferência que não se focam na resolução de problemas coletivos, limitando-se a discutir problemas particulares.

Críticas negativas também foram direcionadas para a população em geral, por ter demonstrado pouco envolvimento com o espaço criado para o evento no Facebook. Reclamam que o evento abrigou um espectro reduzido da sociedade civil, que ela parece não ter entendido sua relevância. Uma boa parcela da população carioca, por exemplo, limitou-se a aproveitar a conjuntura durante a Conferência para não trabalhar.

Em suma, na análise dos cinco elementos que os discursos explicitaram, identificamos que os objetivos do evento, conforme às colocações dos internautas, apontam para reunião, discussão, ação. As vantagens referem-se à possibilidade de liderança, acordos, visibilidade, informação-conhecimento, inspiração. As funções são sintetizadas no agendamento de temas para o debate. As expectativas referem-se à concretização e participação, permeadas pelo sentido de desconfiança. Já as carências-falhas identificadas nos discursos sobre a Conferência são relativas à organização, acordos, liberdade de expressão, responsabilidade e democratização dos processos.

Quanto ao documento final da Conferência Rio+20 intitulado “O Futuro que Queremos”, a rejeição da sociedade civil e dos movimentos sociais também se expressa em mensagens de revolta postadas no Facebook, na produção de documentos e em marchas de protesto. À referida decepção coletiva com o evento somou-se a voz de representantes de importantes Organizações Não Governamentais de cunho ambientalistas: Greenpeace e Vitae Civilis Cidadania e Sustentabilidade, de âmbito internacional e nacional, respectivamente.

Para o diretor político do Greenpeace, Daniel Mittler, são inaceitáveis as propostas referentes à água. Em comunicado público ele disse: “falhou em equidade, falhou em ecologia e falhou na economia, não trouxe nenhum benefício, se transformou em um fracasso épico”.

Já o coordenador de processos internacionais da Vitae Civilis Cidadania e Sustentabilidade, “uma das ONGs brasileiras mais ativas nas negociações diplomáticas sobre o meio ambiente” (Belmonte, 2012, p. 4), lamenta a ausência de pontos que deveriam estar no texto final, como os direitos reprodutivos e o reconhecimento dos limites planetários como um paradigma a ser seguido. Ele considera o documento fraco. O único mérito que lhe atribui é ter sido um texto de consenso e apresentar vestígios que poderão ser trabalhados.

Tanto as referidas críticas à Rio+20 quanto os pronunciamentos por meio de denúncias e propostas concernentes ao meio ambiente introduzem a reflexão sobre a construção de um campo de conhecimento amplo e complexo: o socioambiental.

DISCURSOS NA CONSTRUÇÃO DO CAMPO SOCIOAMBIENTAL

Quando voltamos nossas reflexões para o campo socioambiental, observamos posicionamentos que enveredam por múltiplos caminhos. Cada um dos quais conduz para um assunto específico e se bifurca em pontos de vista variados. Fenômeno que provoca a dispersão do problema e dificulta chegar a um consenso, não só entre gestores das políticas públicas ambientalistas, senão também entre a sociedade civil como ficou expresso nas análises deste artigo. Esta situação também ficou clara quando num evento paralelo à Conferência Rio+20, na “Cúpula dos Povos por Justiça Social e Ambiental”, que reunia representantes da sociedade civil, o documento acabou com uma declaração genérica, frustrando os ambientalistas (Belmonte, 2012).

Contudo, este campo apresenta uma peculiaridade. Informações, interesses e questionamentos da sociedade civil não organizada, como os registrados neste texto, estão lado a lado com discussões do campo científico, outras elaboradas por atores sociais ligados a organizações não governamentais (ONGs e com as discussões de movimentos sociais ambientalistas. Quer dizer, é um campo de interlocução amplo e ativo que envolve múltiplos atores sociais, que coincidem na concepção do ambiente como bem coletivo.

Dentro do mencionado campo, observamos que o tema “economia verde e sustentabilidade”, central na Rio + 20, é onde mais claramente se percebe a confluência das preocupações ambientalistas entre a sociedade civil, as ONGs) e a comunidade científica. Todos estes atores sociais destacam esse assunto, abordando-o de uma perspectiva que defende a transição para uma organização econômica cujo crescimento não comprometa o futuro das próximas gerações. Ideias que vão ao encontro do discurso acadêmico quando sustenta que as preocupações ecológicas não devem ser justificativa para adiar a resolução de problemas sociais. “A economia verde só faz sentido se for uma economia voltada para o bem-estar da sociedade em geral” (Sachs, 2012, p. 9).

A sintonia entre diversos atores sociais no que diz respeito à relevância da economia verde e da sustentabilidade como eixo da problemática ambiental se reflete nas diversas manifestações no espaço do Facebook Rio+20, analisadas ao longo deste artigo, bem como na produção acadêmica¹⁷ e na mobilização de ONGs ambientalistas durante a Conferência¹⁸. O espaço público digital analisado serve de canal de discussão, pois oferece a possibilidade de participar de diversas leituras críticas sobre o tema, que contribuem para repensar ideias ambientais pré-concebidas e desenvolver novas concepções. Ou seja, leva à troca de saberes e, conseqüentemente, amplia a percepção do problema. Por outro, é um espaço instigador de revoltas contra práticas de agressão ao meio ambiente e injustiças sociais. Tem um alto potencial de mobilização ao comunicar a realização de protestos, estimulando a adesão massiva de pessoas em marchas públicas que podem ocorrer simultaneamente em diversos locais.

Marchas de protesto, mensagens escritas, músicas e imagens, que circularam no Facebook Rio+20 durante a Conferência, são formas de expressão de uma linguagem que se constrói perante as imposições do modo de vida contemporâneo, sustentado num desenvolvimento econômico que ignora as práticas de depredação ambiental e de exclusão social, suscitando a manifestação de múltiplas vozes.

De um modo geral, o meio ambiente é concebido um bem coletivo da humanidade e, nessa condição, enfrenta a disputa entre a legitimidade e legalidade do poder de ação local e a legitimidade e legalidade do poder de ação global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos apontam para o imaginário despertado pelos temas socioambientais e políticos discutidos na Rio+20, deixando entrever um padrão hipertextual ao se manifestarem através de denúncias e propostas ambientais; bem como na definição dos significados do evento. Esse padrão,

17 A Capes, aproveita a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, para lançar o documento “Contribuição da Pós-Graduação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável: Capes na Rio+20”. Nele divulga os avanços da Pós-Graduação brasileira nos últimos 20 anos e discute “estratégias para o futuro, abrindo espaço para negociações de parcerias com instituições brasileiras e internacionais” (Capes, p. 9).

A Universidade de São Paulo, por meio da Pró-Reitoria criou um grupo de trabalho para organizar a contribuição desta Universidade à Conferência Rio+20. Reuniu teses e dissertações da USP defendidas entre 1992 e 2011, que tratam de temas vinculados a esta Conferência. Material publicado na Revista Estudos Avançados Vol 26, No. 74 de 2012 (Ribeiro, Dias e Freitas e Philippi Jr., 2012)

18 Sociedade civil organizada e movimentos sociais no ensejo da realização da Conferência reuniram-se em evento paralelo: “Cúpula dos povos” para discutir e fazer um balanço dos resultados das políticas de desenvolvimento sustentável implementadas nos últimos vinte anos.

construído a partir da reação de internautas ao que observam durante o evento e influenciados por diferentes mídias (comerciais e não comerciais), desdobra-se na ação comunicativa apreendida nos discursos ofertados no facebook Rio+20 criado pela ONU.

No Facebook Rio+20 se constroem algumas práticas discursivas colaborativas, que informam sobre a produção de sentido de um coletivo que organiza-se livremente e da mesma forma se desfaz, o que lhe dá um caráter volátil. As manifestações sociais analisadas foram condicionadas e facilitadas pelas novas tecnologias. Isto é, as transformações tecnológicas na era da informática possibilitam a exposição de posicionamentos dos cidadãos, antes silenciados ou dados a conhecer apenas entre grupos de proximidade física. Os espaços públicos mediados pela internet colocam o receptor no lugar (ou seria espaço?) em movimento: receptor-produtor-receptor de múltiplos discursos oriundos de mídias diversificadas, sintetizados quando colocados em circulação nos ambientes virtuais onde o internauta busca construir sociabilidades.

Além de conteúdos postados, o próprio modo de interação com o ambiente se constitui em uma forma de reação-ação-intervenção, que provoca um processo de descentralização na produção de conteúdos sobre temas de interesse público como os ambientais. Este modo de fazer remete à natureza democrática que as mídias digitais permitem explorar em contraposição às mídias tradicionais, com seus filtros e “portões” seletivos.

Os espaços públicos na internet são de compartilhamento de interesses por meio das trocas de significados de experiências que possibilitam a criação de laços sociais ou, mais intensamente, a construção do capital comunicacional socioambiental, oriundo destes novos espaços de conversações cívicas. Estas se caracterizam por ser uma interpretação coletiva dos problemas, de modo a fomentar o engajamento e o capital social (Matos, 2009)

Já o capital comunicacional socioambiental se constrói a partir do debate de temas socioambientais que atingem os cidadãos no âmbito global. Refere-se à partilha de valores relativos à cidadania ambiental, à percepção da interdependência entre todas as formas de vida, à formação de laços de pertencimento entre as pessoas e entre elas e o meio, e à criação de objetivos comuns para melhoria das condições socioambientais (Mazzarino, 2011).

As novas tecnologias disponibilizam alternativas para trocas sociais e, portanto, oportunizam outros espaços para a construção da cidadania mediada pelos processos de comunicação. Um fenômeno social que determina transformações socioculturais que, ainda, merecerão muitos estudos científicos.

REFERÊNCIAS

Araujo, Glauco. (2012, 13 de junho). Índios acendem fogo sagrado para abrir conferência Rio+20. *GI*, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://g1.globo.com/natureza/rio20/noticia/2012/06/indios-acendem-fogo-sagrado-para-abrir-conferencia-sustentavel-no-rio.html>>. Acesso em: 08 ago. 2012.

Arendt, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

Belmonte, Roberto Villar.. Muito menos do que o esperado: Entrevista com Aron Belinky. *Extra Classe*. Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul, Ano 17, n.165, p. 4. 2012

Barthes, R. Myth today. In BARTHES, R. *Mythologies*. London. Palladin Books, 1973.

Boyd, D. Social Network Sites, Public, Private, or What? In: *Knowledge Tree* 13, May, 2007. Disponível em: <http://kt.flexiblelearning.net.au/tkt2007/?page_id=28>. Acesso em: 08 mai. 2009.

Bourdieu, Pierre. *Ofício do sociólogo: metodologia da pesquisa sociológica*. Pierre Bourdieu, Jean Clause Chamboredon, Jean Claude Passeron; tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira – Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2004.

Capes e RIO+20. Contribuição da pós-graduação brasileira para o desenvolvimento sustentável. Brasil, Junho de 2012. Disponível em: <<http://www.ufgd.edu.br/face/mestrado-agronegocios/downloads/anexo-rio-20-livro-final>>

CMMAD – Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. *Nosso futuro comum*. 2a ed. Tradução de Our common future. 1a ed. 1988. Rio de Janeiro : Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

Dezan, Anderson. (2012, 12 de junho). Índios também querem influenciar decisões da Rio+20. *IG*, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/ciencia/meioambiente/2012-06-14/aldeia-kari-oca-reune-indios-de-diversas-etnias-na-rio+20.html>> Acesso em: 08 ago. 2012.

Diniz, Eliezer M.; e Bermann, Celio. Economia verde e sustentabilidade. *Estudos avançados*. vol.26, n.74, p.. 323-330. São Paulo: USP, 2012 .

Dijk, Van Teun A. Discurso y Contexto. Un enfoque sociocognitivo. Editora Gedisa, S.A. Barcelona, España, 2012.

Eckert, Cornelia. Meio Ambiente e Direitos Humanos: Conflitos e dilemas da contemporaneidade. In: *Antropologia, Diversidade e Direitos Humanos*. Organizado por Claudia Fonseca, Veriano Terto E Caleh Faria Alves (et al) Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.

Foucault, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Relógio D'água Editores, Lisboa, 1997.

Freitas, Edmilson Dias de; e Ambrizzi, Tércio. Impacto da Rio-92 na produção científica da USP considerando o tópico Mudanças Climáticas. *Estudos avançados*. vol.26, n.74, p. 341-350. São Paulo: USP, 2012

Geertz, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1989.

Giddens, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2002.

_____. *As consequências da modernidade*. São Paulo, Unesp, 1991.

Hall, Stuart. Discourse and power. In HALL and GIEBEN (eds). *Formation of Modernity*. London, Polity Press, 1993.

Matos, Heloiza. *Capital social e comunicação: interfaces e articulações*. São Paulo: Summus, 2009.

Mazzarino, Jane Márcia. O Campo Jornalístico, a Formação da Opinião Pública e a Emergência do Capital Comunicacional Socioambiental. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul/RS. *Anais...* Intercom 2010.

Recuero, Raquel. Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão. In: *SOSTER*, Demétrio de Azeredo; *FIRMINO*, Fernando.(Org.). *Metamorfozes jornalísticas 2: a reconfiguração da forma*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009.

Ribeiro, Wagner Costa; Freitas, Edmilson Dias de; e Philippi JR, Arlindo. A USP e a Rio+20. *Estudos avançados*. vol.26, n.74, p. 315-322. São Paulo: USP, 2012

Sachs, Ignacy. De volta à mão visível: os desafios da Segunda Cúpula da Terra no Rio de Janeiro. *Estudos avançados*. vol.26, n.74, p. 7-20. São Paulo: USP, 2012

UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME. *Towards a green economy: pathways to sustainable development and poverty eradication*. S. 1.: Unep, 2011.

Zuin, Vânia Gomes. *A inserção da dimensão ambiental na formação de professores de Química*.Campinas: Átomo, 2011.